

# MARIA FILOMENA MOLDER, ROSA MARIA MARTELO, TOMÁS MAIA

## MUSAS – A MÚSICA DAS ARTES

17 NOV 2018  
SÁB 16:00  
Pequeno Auditório  
Duração 3h com intervalo

O mote dos encontros Musas – A Música das Artes decorre de um desvio e de uma dobra: partindo de um descentramento em relação às práticas e aos saberes da música, elege-se o propósito de meditar sobre a perspectiva de outras artes e dos saberes que as tomam por objecto, sobre o acontecimento e a experiência sonoros.

Falamos de *musas* – de como a música inspira – mas que não haja equívoco: falamos igualmente de *sereias*. Há fascínio e há desconfiança, tal como há perplexidade, nestas escutas, daí as seguintes questões: o que sugere ou que perguntas nos incita a fazer o facto de a influência, o modelo ou a esquizofrenia da música serem ora esconjuradas ora convocadas por outras artes? O que motiva tais apreciações? Como se reflectem na prática? De que modo reforçam ou dissolvem os binómios entre espaço e tempo, interior e exterior, sujeito e objecto, material e espiritual, aspereza e suavidade que tantas vezes se associam à reflexão meta-musical? O que nos diz tudo isto, não só sobre o que seja a música, mas também sobre as obsessões e as aspirações dessas outras artes? *A música das artes*, quer dizer, a música tal como a escutam, mas também tal como a imaginam, transfiguram ou alucinam outras artes–eis o que nos interessa discutir.

Os encontros Musas surgem no âmbito do projecto de investigação Propera – The Profanation of Opera: Music and Drama on Film, por mim desenvolvido ao abrigo de uma Marie Skłodowska-Curie Action patrocinada pela Comissão Europeia. Trata-se de um projecto com diversas ramificações teóricas e práticas, cujas motivações se relacionam intimamente com o tema destes encontros e se desdobram em interlocuções que se desejam tão plurais, transversais e indisciplinadas quanto possível.

João Pedro Cachopo

IDEIA E MODERAÇÃO  
DE DEBATE  
João Pedro Cachopo

ENCONTROS MUSAS  
Projeto Propera2020 –  
The Profanation of Opera:  
Music and Drama on Film  
(CESEM, Faculdade de  
Ciências Sociais e Humanas  
da Universidade Nova  
de Lisboa, Universidade  
de Chicago) ao abrigo  
de Marie Skłodowska-Curie  
Action financiada pela  
Comissão Europeia

[www.propera2020.com](http://www.propera2020.com)

### ORGANIZAÇÃO



### APOIO



### APOIO STREAMING



PROGRAMA

16:00–17:30  
Maria Filomena Molder: *Duas Portas*  
Rosa Maria Martelo: *Outros Ritmos*  
Tomás Maia: *Fazer Tempo*

18:00–19:00  
Debate com os oradores moderado  
por João Pedro Cachopo

DUAS PORTAS

PRIMEIRA PORTA:  
Que não haja Musas para a pintura, a escultura e a arquitectura, é uma evidência que começa por ser um enigma a pedir decifração. Que a deusa *Mnemosyne* seja a mãe das Musas é um dos ingredientes da decifração. Com ela surge associado o Tempo que não envelhece. E aqui, neste cruzamento, o secreto Orfeu acena para a grande contradição entre Apolo e Dionísio, exposta por Nietzsche e retomada de modo sublime por Giorgio Colli: “Orfeu não é o pacificador de Apolo e Dionísio: exprime a sua união e morre despedaçado pela sua luta.” (*La sapienza greca I*, p. 39)

SEGUNDA PORTA:  
Robert Walser diz que se sente a falta de qualquer coisa quando não se ouve música, mas que a sensação de perda é ainda mais forte quando se ouve música. Também aqui a evidência se manifesta como enigma a decifrar.

Maria Filomena Molder

Os autores dos textos escrevem segundo o Antigo Acordo Ortográfico.

OUTROS RITMOS

Herberto Helder usou por duas vezes o título *Ofício Cantante* ao coligir obra poética. Já João Cabral de Melo Neto foi peremptório a recusar aquele adjetivo: “Não tenho poemas cantantes, não tenho poemas de embalar”, fez questão de dizer numa entrevista. O poeta brasileiro, que afirmava não gostar de música, exprimiu por diversas vezes reservas relativamente ao verso musical, porquanto, em seu entender, deixava o leitor deslizar e distrair-se. Outros autores, e é o caso de José Gomes-Ferreira ou Mário Cesariny, por exemplo, associaram os seus poemas ao grito – a uma “estética do grito”, especificou Gomes-Ferreira; e outros ainda valorizaram explicitamente as sonoridades ásperas, afins da “lixa três”, do “vidro moído”, segundo uma formulação de Alexandre O’Neill. Dir-se-ia que a poesia, arte cuja história se cruza com a da música desde sempre, se afasta de tempos a tempos do conceito de musicalidade e procura na aspereza outros ritmos. Como entender os poetas que dizem resgatar a poesia da influência da música? Como entendê-los sobretudo quando os seus versos parecem não lhes dar razão?

Rosa Maria Martelo

FAZER TEMPO

*A música das artes*: não o som que as outras artes procurariam imitar exteriormente ou assinalar graficamente. Mas a música enquanto arte que reduz a arte à sua condição *a priori*: o tempo. Todas as artes tenderiam então para a música, não como um ideal exterior mas como limite interno de qualquer obra: a expressão do tempo.

Se é o tempo que faz e desfaz a vida, se ele é a condição que possibilita *na mesma medida* em que impossibilita (a vida), a arte *fará um tempo que se refaz*: um tempo dentro do tempo que é paradoxalmente uma abertura ao fora-do-tempo. A arte abre o tempo à sua própria vinda, parecendo assim suspendê-lo. A essa abertura pode chamar-se *ritmo* – e tal é o nome geral que proponho para a *música das artes*.

Literal e activamente, a arte faz tempo, e nenhuma arte, mais do que a música, se reduz a esse fazer. “Porque a música | não é silêncio mas silêncio que | anuncia ou prenuncia o som e o ritmo.” (Jorge de Sena, Bach: *Variações Goldberg*)

Tomás Maia

Brevemente

16 JAN 2019  
QUA 18:30  
Pequeno Auditório  
Duração 2h  
Entrada gratuita

Conferências e Debates x

# A VIDA TAL QUAL ELA É: O DIREITO À TRISTEZA

ANA CARDOSO  
OLIVEIRA,  
MIGUEL SILVEIRA,  
SÓNIA BAPTISTA,  
ISABEL EMPIS

18 JAN 2019  
SEX 18:30  
Pequeno Auditório  
Duração 90 min  
Entrada gratuita

Conferências e Debates x

# YAYO HERRERO ECOFEMINISMO

Culturgest